

A casa carioca moderna nos salões das bienais e nas páginas das revistas estrangeiras

HERBST, Helio. A casa carioca moderna nos salões das bienais e nas páginas das revistas estrangeiras. *Revista Docomomo Brasil*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 41-55, jun. 2021

data de submissão: 26/04/2020
data de aceite: 25/03/2021

Helio Herbst

Professor Associado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
helioherbst@ufrj.br

Resumo

Este artigo tem como objeto de estudo a repercussão de doze projetos residenciais expostos nas cinco primeiras edições das Exposições Internacionais de Arquitetura (EIA), que integraram as Bienais de São Paulo, entre 1951 e 1959. A primeira parte do texto salienta algumas especificidades destas residências unifamiliares, concebidas para implantação na cidade do Rio de Janeiro. A segunda parte aborda mais enfaticamente a *recepção*, no sentido cunhado por Hans Robert Jauss, destes projetos pela crítica estrangeira. A análise dos artigos também assinala as *representações*, na acepção proposta por Roger Chartier, empregadas para evocar temas do interesse de determinados grupos. Por fim, pretende-se verificar de que modo a *recepção* destes projetos nas revistas especializadas contribuiu para difundir uma *representação* por vezes cética, por vezes entusiasmada e confiante, da arquitetura moderna brasileira na historiografia produzida entre as décadas de 1950 e 1970.

Palavras-Chave: Arquitetura Moderna Brasileira, historiografia, Rio de Janeiro

Abstract

This article has as object of study the repercussion of twelve residential projects exhibited in the first five editions of the International Architecture Exhibitions (EIA), which were part of the São Paulo Biennials, between 1951 and 1959. The first part of the text highlights some specificity of these single-family homes, designed for implementation in the city of Rio de Janeiro. The second part deals more emphatically with the reception, in the sense coined by Hans Robert Jauss, of these projects by foreign critics. The analysis of the articles also points out the representation, in the sense proposed by Roger Chartier, used to evoke themes of interest to certain groups. Finally, we intend to verify how the reception of these projects in specialized magazines contributed to spread a sometimes sceptical, sometimes enthusiastic and confident representation of Brazilian modern architecture in the historiography produced between the 1950s and 1970s.

Keywords: Brazilian Modern Architecture, historiography, Rio de Janeiro

Resumen

Este artículo tiene como objeto de estudio la repercusión de doce proyectos residenciales expuestos en las primeras cinco ediciones de las Exposiciones Internacionales de Arquitectura (EIA), que formaron parte de las Bienales de São Paulo, entre 1951 y 1959. La primera parte del texto destaca algunas especificidades de estas viviendas unifamiliares, diseñadas para su implantación en la ciudad de Río de Janeiro. La segunda parte aborda con mayor énfasis la recepción, en el sentido acuñado por Hans Robert Jauss, de estos proyectos por parte de la crítica extranjera. El análisis de los artículos también apunta las representaciones, en el sentido propuesto por Roger Chartier, utilizadas para evocar temas de interés para determinados grupos. Finalmente, pretendemos verificar cómo la recepción de estos proyectos en revistas especializadas contribuyó a difundir una representación a veces escéptica, a veces entusiasta y confiada de la arquitectura moderna brasileña en la historiografía producida entre las décadas de 1950 y 1970.

Palabras clave: Arquitectura Moderna Brasileña, historiografía, Río de Janeiro

Introdução

Por iniciativa de artistas, empresários e intelectuais, a I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) foi inaugurada em 1951 no antigo Belvedere do Trianon, na avenida Paulista, com normas regimentais inspiradas na Bienal de Veneza. Mas ao contrário da congênere europeia, a mostra paulistana inovou ao introduzir, em paralelo à seção de artes visuais, a I Exposição Internacional de Arquitetura, organizada pelo MAM/SP em parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)¹.

Antecessoras das atuais Bienais Internacionais de Arquitetura (BIA), as EIA mobilizaram o meio profissional, brasileiro e internacional nas décadas de 1950 e 1960. Entre expositores e membros dos júris, estiveram presentes Alvar Aalto, Ernesto Nathan Rogers, Josep Lluís Sert, Max Bill, Siegfried Giedion e Walter Gropius, o grande homenageado da II EIA (1953-1954), realizada no recém-inaugurado Parque Ibirapuera, durante o IV Centenário da Cidade de São Paulo².

Nas cinco primeiras edições das EIA, qualquer arquiteto podia submeter projetos para apreciação do júri de seleção, respeitando as normas divulgadas pela imprensa e pelos órgãos de classe, nacionais e estrangeiros. A exibição de projetos também

1- Antes de 1980, data de realização da I Bienal de Arquitetura de Veneza, ocorriam mostras esparsas de arquitetura que não chegavam a configurar uma seção independente sobre o tema, com regulamentos próprios.

2- A última edição de uma mostra de arquitetura vinculada à Bienal de artes ocorreu em 1971, ano da XI EIA. Desde 1973, as BIA constituem um evento autônomo de periodicidade irregular, organizado em parceria entre a Fundação Bienal e o IAB. A partir de sua décima-primeira edição, realizada em 2011, as BIA deixaram de contar com o suporte da Fundação Bienal e passaram a ocupar distintos equipamentos culturais da cidade de São Paulo.

ocorria por meio de convites, sendo nestes casos vinculada a salas especiais, organizadas em consideração ao mérito da produção individual ou coletiva, por decisão da diretoria artística do evento.

Entre os 255 projetos expostos nos anos 1950, são aqui descritas as soluções de doze residências unifamiliares implantadas na cidade do Rio de Janeiro. Em um primeiro momento são salientadas algumas das suas especificidades, em termos plásticos e tectônicos. A segunda parte do texto analisa mais enfaticamente a *recepção*, no sentido cunhado por Hans Robert Jauss, destes projetos pela crítica estrangeira. A análise dos artigos também pretende

assinalar as *representações*, na acepção proposta por Roger Chartier, empregadas para evocar o que se considera relevante e/ou desejável na produção brasileira, por meio destes exemplos.

Entre as doze residências selecionadas para análise, apontadas nas Tabelas 1a, 1b, 1c e 1d, nove passaram pelos trâmites seletivos. Três obras integraram salas especiais, sendo a residência William Nordschild exposta em homenagem ao arquiteto Gregori Warchavchik, na I EIA (1951), e as residências Antonio Ceppas e Sergio Corrêa da Costa, assinadas pelo arquiteto Jorge Machado Moreira, apresentadas na sala especial Roberto Burle Marx, na V EIA (1959).

Tabela 1a – I Exposição Internacional de Arquitetura – 1951

OBRA	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	DATA DO PROJETO E DE EXECUÇÃO	JÚRI DE SELEÇÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO
Residência Jeronimo Leal	Ulysses Burlamaqui	Rua Almirante Alexandrino Santa Teresa	1951 – projeto ? – execução	Eduardo Kneese de Mello Lourival Gomes Machado Luís Saia	Francisco Beck Junzo Sakakura Mario Pani Siegfried Giedion
Residência Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena	Lygia Fernandes	Logradouro desconhecido Alto da Boa Vista	1949 – projeto ? – execução		
Residência Thomaz Estrella	Thomaz Estrella	Informação restrita Alto Leblon	c. 1947 – projeto 1951 – execução		
Residência Walther Moreira Salles	Olavo Redig de Campos	Rua Marques de São Vicente, 476 – Gávea	1948 – projeto 1951 – execução		
Residência William Nordschild	Gregori Warchavchik	Rua Tonelero, 35 (atual 146) – Copacabana	1930 – projeto 1931 – execução 1954 – demolição	Sala Especial História de Pioneiros	

Tabela 1b – II Exposição Internacional de Arquitetura – 1953/1954

OBRA	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	DATA DO PROJETO E DE EXECUÇÃO	JÚRI DE SELEÇÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO
Casa das Canoas	Oscar Niemeyer	Estrada das Canoas, 2.310 – São Conrado	1951 – projeto 1953 – execução	Afonso Eduardo Reidy	Alvar Aalto
Residência Ernesto Waller	Paulo Antunes Ribeiro	Informação restrita Joá	c. 1953 – projeto c. 1955 – execução	Eduardo Kneese de Mello Francisco Beck	Ernesto Nathan Rogers Josep Lluís Sert
Residência Jadir de Souza	Sergio Bernardes	Informação restrita Leblon	c. 1951 – projeto c. 1953 – execução	Mario Henrique Glicério Torres Oswaldo Bratke	Oswaldo Bratke Salvador Candia
Residência Paulo Candiota	Paulo Candiota Bela Torok Lucio Costa	Informação restrita Leblon	c. 1951 – projeto c. 1953 – execução	Salvador Candia	Walter Gropius

Tabela 1c – IV Exposição Internacional de Arquitetura – 1957

OBRA	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	DATA DO PROJETO E DE EXECUÇÃO	JÚRI DE SELEÇÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO
Residência R. Armando São Conrado	Marcello Fragelli	Informação restrita – São Conrado	c.1955 – projeto c.1957 – execução	Eduardo Kneese de Mello Francisco Beck Mario Henrique Glicério Torres Plínio Croce	Jacob Ruchti Kenzo Tange Marcel Breuer Mario Henrique Glicério Torres Philip Johnson

Tabela 1d – V Exposição Internacional de Arquitetura – 1959

OBRA	AUTORIA	LOCALIZAÇÃO	DATA DO PROJETO E DE EXECUÇÃO	JÚRI DE SELEÇÃO	JÚRI DE PREMIAÇÃO
Residência Antonio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Praça Atahualpa, 30 (atual 86) Leblon	1951 – projeto 1958 – execução 1980 – demolição	Sala especial Roberto Burle Marx	
Residência Sérgio Corrêa da Costa	Jorge Machado Moreira	Informação restrita – Laranjeiras	1951 – projeto 1957 – execução	Sala especial Roberto Burle Marx	

O morar carioca exposto nas bienais paulistanas

Experimentais, modestos, arrojados. Muitos outros indicativos podem descrever os projetos das residências selecionadas no presente recorte – ver tabela 2. Seus autores formam um grupo bastante heterogêneo, em termos de inserção e reconhecimento no meio profissional. Em comum, nutriam o desejo de difundir publicamente os resultados de suas investigações arquitetônicas, ainda que, para tanto, fosse necessário aceitar as regras impostas pelos promotores das Bienais, quando da submissão dos projetos ao crivo dos jüris de seleção e premiação.

Na I EIA, Lygia Fernandes exibiu um projeto para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena, elaborado com o intuito de nortear a ocupação de uma área de expansão situada nas franjas da cidade com a Floresta da Tijuca. A proposta residencial possui programa físico-funcional extenso, distribuído em alas semi-independentes, unificadas visualmente pelo telhado de águas invertidas para o centro da composição. Até o presente momento não conseguimos confirmar a execução e tampouco a localização do empreendimento.

Thomaz Estrella inscreveu a sua casa no Alto Leblon. Não foi localizado nos órgãos públicos con-

sultados o projeto executivo, mas é provável que a obra construída seja a variante de uma proposta publicada pela revista *The Architectural Forum* em novembro de 1947. Em ambas, destacam-se a volumetria em tronco de pirâmide e o telhado invertido, popularmente conhecido como “asa de borboleta”.

Ulysses Burlamaqui expôs a residência Jerônimo Leal, cuja construção, na principal via de Santa Teresa, suscita dúvidas. Graças a um artigo publicado em Acrópole, pouco depois do término da I EIA, é possível discorrer sobre o projeto. Trata-se de um prisma regular de base retangular implantado em um terreno de alta declividade, cujas aberturas exploram as vistas panorâmicas, valendo-se de painéis envidraçados e terraços contíguos aos ambientes sociais e íntimos de longa permanência.

Olavo Redig de Campos apresentou a residência Walther Moreira Salles, construída em uma antiga chácara na Gávea. O projeto, concebido para uma personalidade de evidência, diplomata e banqueiro, caracteriza-se pela amplitude dos ambientes de uso social, organizados em torno de um pátio central. O resultado combina elementos da tradição clássica, alusivos à formação italiana do arquiteto, com repertório formal empregado pelos principais expoentes cariocas da primeira geração de arquitetos modernos.

Gregori Warchavchik reuniu na I EIA cerca de uma dezena de projetos na sala História de Pioneiros, entre os quais a residência William Nordschild, particularmente intrigante em função de sua implantação, em encosta de alta declividade em Copacabana. Sua inauguração, em 1931, foi amplamente divulgada pela imprensa e contou com a presença de Frank Lloyd Wright. Há relatos na historiografia de que a ortogonalidade da composição, ressaltada pelo balanço das varandas na fachada principal, teria inspirado a Casa da Cascata, concebida poucos anos depois.

Na II EIA (1953/1954), Oscar Niemeyer expôs a Casa das Canoas. Implantada em meio à Floresta da Tijuca, o refúgio de Niemeyer organiza a distribuição dos cômodos e a circulação vertical em torno de um rochedo que também funciona como conexão entre o interior e o exterior da residência. Some-se ainda a inabitual disposição dos dormitórios sob os ambientes de estar e o peculiar desenho da laje plana de cobertura, cuja feição parece evocar o traçado das curvas de nível.

A residência Ernesto Waller, concebida por Paulo Antunes Ribeiro, também pode ser vista como um abrigo isolado da cidade e de seus conflitos – ainda que, neste caso, o refúgio assuma as proporções de um palacete. Implantada em um lote de grandes dimensões no sopé da encosta sul da Pedra da Gávea, no então distante bairro do Joá, a proposta contrasta a ortogonalidade do bloco edificado com a sinuosidade dos jardins assinados por Roberto Burle Marx.

Sergio Bernardes apresentou na II EIA a residência Jadir de Souza e dois projetos na região serrana – as casas Paulo Sampaio e Lota Macedo Soares. Com a última, venceu a categoria de Jovem Arquiteto. Na residência Jadir de Souza, implantada no loteamento Jardim Pernambuco, no Leblon, a distribuição dos ambientes de estar em torno de um pátio gramado e a solução estrutural adotada para a sustentação da cobertura em “asa de borboleta” são os elementos mais marcantes da composição.

Paulo Candiota compareceu com o projeto de sua própria residência, situada no Jardim Visconde de Albuquerque, também no Leblon. O programa físico-funcional se distribui entre corpo principal e edícula para abrigo de automóveis e empregados. O projeto de Candiota, que contou com a colaboração de Bela Torok e Lucio Costa, associa tradição e modernidade, presentes na racionalidade construtiva, na cobertura em telhas de barro e nos treliçados de madeira.

Marcello Fragelli apresentou dois projetos na IV EIA (1957), um deles implantado em Petrópolis e outro em São Conrado. Na residência R. Armando, os ambientes dos setores social e íntimo voltam-se para o alinhamento frontal do lote, situado no fi-

nal de uma rua sem saída. A adoção de um único pavimento procurou assegurar a visualização do rochedo Cabeça do Imperador desde o portão de acesso, sendo tal prerrogativa assinalada pelo próprio arquiteto (FRAGELLI, 2010, p. 76).

As residências Antonio Ceppas, construída no Leblon, e Sergio Corrêa da Costa, implantada em Laranjeiras, assinadas por Jorge Moreira, integraram a Sala Especial Roberto Burle Marx, na V EIA (1959). Ambas são caracterizadas pela distribuição do extenso programa físico-funcional em diversos pavimentos, com volumetria prismática de forte acento ortogonal que contrastava, em fins da década de 1950, com o ecletismo das construções do entorno.

Veja Tabela 2 – Seleção de projetos expostos nas EIA – 1951-1959, na página ao lado.

A inserção das obras nas revistas especializadas

Todas as residências que compõem esta investigação foram publicadas em algum periódico especializado, nacional ou estrangeiro, entre 1947 e 1960, conforme demonstra a Tabela 3. Apenas um artigo analisa a proposta residencial para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena e as casas Antonio Ceppas, Jerônimo Leal, Paulo Candiota, R. Armando, Sergio Corrêa da Costa, Thomaz Estrella, Walther Moreira Salles e William Nordschild. Duas matérias abordam as residências Ernesto Waller. Seis versam sobre a Casa das Canoas e sobre a residência Jadir de Souza.

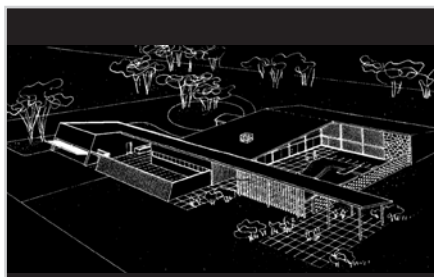
Ainda que se possa precisar o número de artigos publicados no recorte temporal selecionado, não se pode presumir, apenas com base neste quantitativo, o grau de repercussão gerado pelos projetos. Em alguns casos, a inserção pode ter sido favorecida pela proximidade do autor com o corpo editorial de um periódico. Em outros, pela concessão de prêmios ou pela intermediação da própria diretoria das Bienais, que encaminhava *press-releases* de divulgação das mostras (HERBST, 2011). O interesse despertado pelos projetos se deve a uma multiplicidade de circunstâncias de impossível aferição, diretamente atreladas ao desejo/necessidade de divulgação de cada profissional, de sua participação nos órgãos de classe, entre outros fatores.

Ainda assim, a análise da *recepção* – no sentido proposto por Hans Robert Jauss –, constitui um relevante instrumento para se avaliar o impacto causado pelas obras no instante de sua inserção nas revistas especializadas, na medida em que desnuda os atributos e as ênfases concedidas para cada solução projetual. Em outras palavras, permite identificar o *efeito* e o *horizonte de expectativas* a partir dos quais a crítica construiu seus parâmetros avaliativos, por vezes apoiando-se nos desdobramentos proporcionados pela exibição e/ou premiação das obras.

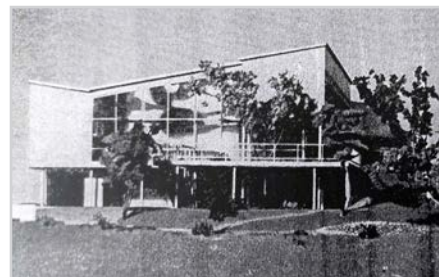
Tabela 2 – Seleção de projetos expostos nas EIA – 1951-1959

**Residência Jeronimo Leal**

Fonte: *Arquitetura e Engenharia*, n. 19, out./dez. 1951, p. 56.

**Residência Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena**

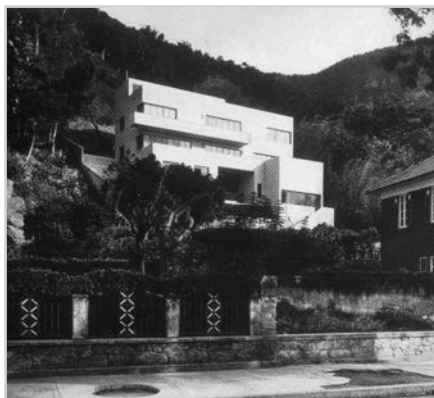
Fonte: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, v. 23, n. 42-43, ago. 1952, p. 74.

**Residência Thomaz Estrella**

Fonte: *The Architectural Forum*, n. 87, nov. 1947, p. 95.

**Residência Walther Moreira Salles**

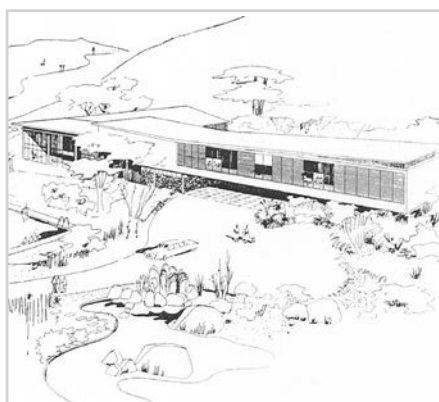
Foto Marcel Gautherot
Fonte: www.blogdoims.com.br

**Residência William Nordschild**

Autor não identificado
Fonte: www.casasbrasilas.arq.br

**Casa das Canoas**

Autor não identificado
Fonte: *Habitat*, n. 18, set./out. 1954, p. 13

**Residência Ernesto Waller**

Fonte: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, v. 24, n. 49, out. 1953, p. 62.

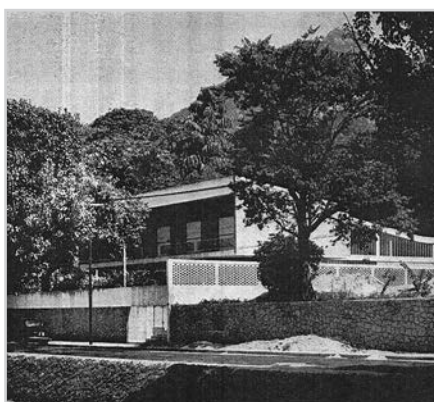
**Residência Jadir de Souza**

Foto Michel Aertsens
Fonte: *Habitat*, n. 20, jan./fev. 1955, p. 26

**Residência Paulo Candioti**

Autor não identificado
Fonte: *Acrópole*, n. 196, jan. 1955, p. 173

**Residência R. Armando**

Foto Michel Aertsens
Fonte: FRAGELLI, 2010, p. 77.

**Residência Antonio Ceppas**

Foto Juvêncio Souza
Fonte: MOREIRA, 1999, p. 55.

**Residência Sergio Corrêa da Costa**

Foto Cesar Barreto
Fonte: MOREIRA, 1999, p. 45.

Cumpra também enfatizar que o conceito de *representação* formulado por Roger Chartier é essencial ao entendimento dos processos que nortearam a construção dos discursos, tendo em vista que as análises lançadas sobre os projetos permitem vislumbrar, nas entrelinhas, as intenções dos produtores de conteúdos. Deste modo, as reflexões aqui lançadas pretendem desconstruir as narrativas tornadas canônicas, muitas vezes replicadas sem a necessária ponderação.

Partindo-se de tais paradigmas, pretende-se analisar a *recepção* (no sentido cunhado por Hans Robert Jauss) de um conjunto de obras levando-se em conta as *representações* (na acepção proposta por Roger Chartier) lançadas pelos críticos no exato instante em que eram escritos os primeiros compêndios sobre a arquitetura moderna brasileira, entre os quais se inscreve *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin, lançado em alemão, francês e inglês em 1956.

A publicação de um manual referencial em língua estrangeira constitui um ponto significativo, posto que contribuiu para a consagração desta produção pelo olhar da crítica internacional. Para ser mais enfático, validou certos mecanismos de dominação cultural e controle ideológico produzidos pelos centros do poder. Em resposta a tais estratégias a historiografia da modernidade brasileira tem sido reescrita nas últimas três décadas, apontando-se diversas chaves de entendimento.

Exatamente em decorrência desta constatação, serão aqui analisados apenas os artigos publicados em revistas internacionais. Tal escolha de nenhum modo descredencia as opiniões difundidas pelos periódicos locais: apenas enfatiza os atributos que colaboraram decisivamente para o fazer projetual de diversos profissionais e estudantes brasileiros.

Tabela 3 – Inserção em periódicos especializados (1947-1960)

Exibição	Obra	Inserção em periódicos especializados (1947-1960)
I EIA (1951)	Residência Jeronimo Leal	<i>Arquitetura e Engenharia</i> , n. 19, out./dez. 1951, p. 56-57
	Residência Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena	<i>L'Architecture d'Aujourd'Hui</i> , v. 23, n. 42-43, ago. 1952, p. 74
	Residência Thomaz Estrella	<i>The Architectural Forum</i> , n. 87, nov. 1947, p. 95
	Residência Walther Moreira Salles	<i>Habitat</i> , n. 6, 1952, p. 56-63
	Residência William Nordschild	<i>Habitat</i> , n. 28, mar. 1956, p. 40-48
II EIA (1953-1954)	Casa das Canoas	<i>The Architectural Review</i> , n. 694, out. 1954, p. 214, 248-249
		<i>L'Architecture d'Aujourd'Hui</i> , v. 25, n. 52, jan./fev. 1954, p. 2-3
		<i>Casabella-Continuità</i> , n. 200, fev. 1954, p. 1-3
		<i>Brasil Arquitetura Contemporânea</i> , n. 4, 1954, p. 24-27
		<i>Habitat</i> , n. 18, set./out. 1954, p. 13-16
		<i>Módulo</i> , n. 2, ago. 1955, p. 40-42
	Residência Ernesto Waller	<i>The Architectural Review</i> , v. 116, n. 694, out. 1954, p. 250
		<i>L'Architecture d'Aujourd'Hui</i> , v. 24, n. 49, out. 1953, p. 62-63
	Residência Jadir de Souza	<i>The Architectural Review</i> , v. 115, n. 687, mar. 1954, p. 166-167
		<i>L'Architecture d'Aujourd'Hui</i> , v. 25, n. 52, jan./fev. 1954, p. 6
		<i>AD Arquitetura e Decoração</i> , n. 8, nov./dez. 1954, 2 págs. s.n.
		<i>Arquitetura e Engenharia</i> , n. 29, jan./fev. 1954, p. 28-31
		<i>Brasil Arquitetura Contemporânea</i> , n. 4, 1954, p. 18-20
		<i>Habitat</i> , n. 20, jan./fev. 1955, p. 26-28
	Residência Paulo Candiota	<i>Acrópole</i> , n. 196, jan. 1955, p. 173-175
IV EIA (1957)	Residência R. Armando	<i>Acrópole</i> , n. 236, jun. 1958, p. 400-401
V EIA (1959)	Residência Antonio Ceppas	<i>Habitat</i> , n. 56, set./out. 1959, p. 18-20
	Residência Sergio Corrêa da Costa	<i>Habitat</i> , n. 56, set./out. 1959, p. 18-20

A recepção dos projetos nas revistas estrangeiras

Dentre os doze projetos que compõem a presente investigação, cinco foram publicados em periódicos estrangeiros, em um total de nove artigos. Destas cinco obras, duas foram expostas na I EIA – proposta para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena e residência Thomaz Estrella – e três apresentadas na II EIA – Casa das Canoas e residências Ernesto Waller e Jadir de Souza.

Dos nove artigos selecionados, apenas um antecede a década de 1950. Todos os outros são datados entre 1952 e 1954. Tal constatação, em análise apressada, poderia denotar uma perda de interesse da crítica em relação à produção residencial carioca na segunda metade da década de 1950.

Talvez seja mais apropriado avaliar a questão observando-se a mudança de parâmetros que balizou o olhar da crítica ao longo deste recorte temporal. Na primeira metade da década, sobretudo até 1953, a arquitetura brasileira amalhava críticas quase sempre positivas, certamente motivadas pela repercussão da mostra *Brazil Builds* (1943) e pela consagração da arquitetura carioca.

Uma segunda percepção, mais acentuada na metade da década, reconhecia na difusão da arquitetura moderna brasileira – supostamente conduzida sem qualquer comprometimento social – um desvio de princípios do Movimento Moderno. Assim podem ser vistas as acusações lançadas pelos defensores do primeiro racionalismo em diversos veículos, entre os quais se inscreve o especial “Report on Brazil” publicado por *The Architectural Review* (AR) em outubro de 1954.

Um terceiro viés assinala a emergência de novas possibilidades. De um lado, um olhar descrente em relação às análises que vislumbravam na arquitetura brasileira uma sobrevida para a própria modernidade. De outro, uma apreciação desconfiada em relação aos achados dos críticos que reconheciam nesta produção o advento de mais um academicismo. O artigo “Pretesti per una critica non formalistica”, de Ernesto Nathan Rogers, publicado na edição de fevereiro-março de 1954 da revista *Casabella-Continuità* (CC), pode ser visto como indicativo deste viés analítico, em prol da superação do antagônico debate entre forma e função.

Ainda que se considere um deslocamento de paradigmas ao longo da década de 1950, o protagonismo da cena arquitetônica brasileira manteve-se atrelado aos responsáveis pela afirmação do Movimento Moderno pela via institucional. Ou seja: vinculado aos autores do Ministério da Educação e Saúde.

A análise da inserção desta seleção de projetos nas revistas especializadas permite desnudar não apenas a difusão dos seus aspectos formais e técnicos, mas principalmente a constituição dos discursos que culminaram por fundamentar certos entendimentos sobre a produção arquitetônica brasileira.

Neste raciocínio, a desconstrução destas tramas possibilita identificar – no limite – algumas expressões eclipsadas pela narrativa dominante. Tal hipótese tem norteado a ação de diferentes pesquisadores, entre os quais se inscrevem os nomes de Clara Luiza Miranda, Fernando Luiz Lara, Maria Beatriz Camargo Cappello, Nelci Tinem e Ruth Verde Zein. A menção aos colegas pesquisadores, certamente incompleta, indica correlações essenciais à proposição deste artigo.

Miranda (1998) dedica-se ao estudo da constituição dos periódicos especializados no Brasil e publicou artigos sobre os desdobramentos aos ataques lançados por Max Bill, nos quais assinala a maturação de uma nova geração de críticos brasileiros. Lara (2018) e Zein (2018; 2021) preocupam-se em apontar outras possibilidades de leitura sobre as especificidades da nossa produção arquitetônica, lutando contra os mecanismos de dominação cultural disseminados pela historiografia canônica.

Cappello (2005; 2010) analisa a recepção da arquitetura moderna brasileira nos números especiais de periódicos europeus e norte-americanos, confrontando os temas do debate e a disputa de grupos em busca de consagração. Tinem (2002; 2006; 2010) considera as revistas documentos pré-canônicos, isto é, fontes essenciais para a consolidação de uma certa imagem da produção brasileira nas monografias e nos manuais que inscrevem a participação do Brasil na história da arquitetura moderna.

Valendo-se das prerrogativas lançadas por Cappello (2005; 2010) e Tinem (2002; 2006; 2010), particularmente importantes à construção deste artigo, serão aqui apontadas três diferentes linhas de abordagem dos periódicos estrangeiros. Cada orientação editorial preconiza parâmetros a partir dos quais a nascente historiografia da arquitetura moderna brasileira adquiriu diferentes nuances.

O primeiro bloco, aqui identificado como *celebração*, reúne inserções elaboradas no rastro das repercussões positivas motivadas pela exposição *Brazil Builds* (1943) e pelos primeiros números especiais dedicados à arquitetura brasileira nas revistas *The Architectural Review* (AR) (1944 e 1953), *The Architectural Forum* (AF) (1947) e *L'Architecture d'Aujourd'Hui* (AA) (1947 e 1952).

Inscrivem-se neste grupo cinco artigos. O primeiro deles, inserido na edição de novembro de 1947 da revista AF, aborda a residência Thomaz Estrella. Um

segundo integra a edição de agosto de 1952 da francesa *AA* e versa sobre a proposta habitacional para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena. A terceira matéria, publicada na edição de outubro de 1953 de *AA*, enfoca a residência Ernesto Waller. E, por fim, dois artigos inseridos na edição de janeiro de 1954 de *AA* analisam a Casa das Canoas e a residência Jadir de Souza.

O segundo subtítulo, intitulado *advertência*, reúne inserções elaboradas no encalço das ponderações lançadas por Max Bill e Walter Gropius. Fazem parte deste grupo três artigos, todos eles publicados na inglesa *The Architectural Review*. Um deles compõe a edição de março de 1954 e aborda a residência Jadir de Souza. Os outros dois se inscrevem na emblemática edição “Report on Brazil”, lançada em outubro de 1954, e enfocam a residência Ernesto Waller e a Casa das Canoas.

O terceiro grupo, denominado *possibilidades*, identifica-se com as sugestões formuladas por Ernesto Nathan Rogers, anteriormente mencionadas. Nesta chave de leitura se inserem as considerações lançadas sobre a Casa das Canoas no editorial “Pretesti per una critica anti formalistica”, publicado na edição de fevereiro-março da italiana *Casabella-Continuità*.

Celebração

Carlos Eduardo Comas (2010) credita ao Pavilhão do Brasil, concebido por Lucio Costa e Oscar Niemeyer para a Feira Mundial de Nova York, inaugurada em 1939, o decisivo impulso para a divulgação da produção arquitetônica brasileira. Tal afirmação, amparada pela efusiva repercussão concedida pelas revistas *The Architectural Forum* e *The Architectural Review*, contribuiu para “lançar uma escola brasileira de arquitetura moderna baseada no Rio, colocada na ribalta por uma grande mostra no Museu de Arte Moderna de Nova York” (COMAS, 2010, p. 91).

Com efeito, a mostra *Brazil Builds* (1943) concedeu um lugar de destaque à arquitetura brasileira no panorama internacional, ainda que alguns de seus expoentes e precursores, a exemplo de Alcides Rocha Miranda, Flávio de Carvalho e Oswaldo Bratke, não tenham sido incluídos na exposição e no catálogo, quase sempre considerado o primeiro compêndio sobre a produção moderna no país.

A repercussão dessas iniciativas motivou a organização das primeiras edições especiais sobre arquitetura brasileira em revistas francesas, inglesas e norte-americanas. Na avaliação de Tinem (2010), a difusão dessa produção condicionava-se aos temas em voga e aos interesses específicos de cada linha editorial. Naquele momento, *The Architectural Review* vislumbrava no vínculo com a tradição uma coincidência de objetivos. *L'Architecture d'Au-*

jourd'hui contrapunha a coragem dos arquitetos brasileiros e a confiança dos poderes constituídos à “timidez da autoridade francesa” (TINEM, 2010, p. 4-5). *The Architectural Forum* enfatizava o desenvolvimento de sistemas de proteção solar e lumínica.

Na edição de novembro de 1947 de *AF*, a urbanista Cloethiel Woodward Smith esforçou-se para explicar a maturação da produção brasileira em um cenário pleno de adversidades. Diante do paradoxo, limitou-se a sentenciar: “Como é que um país ‘atrasado’ [como o Brasil] pôde de repente produzir uma arquitetura tão vibrante e contemporânea?” (SMITH, 1947, p. 66-67)

Apesar das ressalvas, *AF* reconhecia, em nossa produção, qualidades essenciais ao desenvolvimento da arquitetura norte-americana. Pois, no entender dos editores, as experiências conduzidas pelos arquitetos brasileiros poderiam indicar de que maneira a transposição de formas e conceitos não totalmente assimilados ao ambiente local estavam criando uma arquitetura surpreendente.

Levando-se em conta o caráter experimental de alguns projetos, que muitas vezes renunciavam avanços tecnológicos, a edição especial de *AF* agrupou os projetos em tópicos, organizados de acordo com a sua tipologia – habitação, recreação, lazer etc. A seção destinada aos projetos residenciais estabelecia paralelos entre a produção brasileira e norte-americana, reconhecendo maior dificuldade de aceitação dos apartamentos, entre os brasileiros, e a persistência de sequelas não superadas com a abolição da escravidão, perceptíveis na existência de linhas de circulação independentes e na acomodação dos empregados domésticos em cômodos de reduzida dimensão.

Além da residência Thomaz Estrella, a seleção de projetos residenciais incluiu obras de Carlos Frederico Ferreira, Daniele Calabi, João Baptista Vilanova Artigas, Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Tal composição de nomes sinaliza um notável esforço para apresentar diferentes concepções de moradia, ainda que representativas de uma reduzida clientela, de alto poder aquisitivo, sensível aos clamores da modernidade.

O artigo de meia página sobre a residência Thomaz Estrella apresenta as plantas baixas dos pavimentos, uma foto da maquete e um croqui ilustrativo da sala de estar. O conteúdo textual, não assinado, considera a suspensão do bloco edificado, em pilotis, como a principal estratégia do projeto, por configurar um ambiente de estar aberto que valoriza a vista da Lagoa Rodrigo de Freitas.

A exibição desta residência na primeira Bienal, ocorrida quatro anos depois de sua publicação em *AF*, não motivou a proposição de novas análises em nenhuma revista, nem mesmo na edição especial

“Brésil” de AA, que incluiu diversos projetos expostos na I EIA. Saliente-se que a inserção de Thomaz Estrella na historiografia quase sempre destaca a sua participação na equipe responsável pela concepção da Estação de Hidroaviões, liderada por Atilio Corrêa Lima, sem nunca mencionar o projeto de sua moradia no Alto Leblon.

Cumprindo ainda salientar que o periódico francês, depois do desfecho da Segunda Guerra Mundial (1945), procurou incorporar temas do debate internacional, com destaque para a expressão plástica e para as preexistências históricas nos centros urbanos, largamente discutidos nos CIAM realizados em 1949 (Bérgamo) e 1951 (Hoddesdon). Para tanto, AA expandiu suas articulações e passou a contar com um comitê de patronagem formado por Alvar Aalto, Josep Lluís Sert, Oscar Niemeyer, Siegfried Giedion e Walter Gropius, entre outros. (CAPPELLO, 2005)

A busca por novos referenciais em AA motivou a produção de diversos números especiais, a exemplo das edições de 1944, 1952 e 1960, dedicadas à arquitetura brasileira. Na edição de 1952, a revista mantinha-se sob direção de André Bloc, assistido por Pierre Vago, como presidente do comitê de redação, e por Alexandre Persitz, no cargo de redator chefe, assistido por Renée Diamant-Berger, secretária de redação. A seleção e edição dos artigos deste número especial contaram com a assessoria

de Moraes, sendo os projetos agrupados nas categorias Construções Industriais, Edifícios de Escritórios, Turismo, Edifícios de Apartamentos, Habitações Individuais, Cataguases, Construções Hospitalares, Edifícios Culturais e Construções Esportivas; e o terceiro subtema, “Projetos e realizações [de] 1952”, incluiu mais uma resenha de Giedion e uma seleção bibliográfica sobre o Brasil³.

Entre as residências unifamiliares apresentadas no compêndio, inscrevem-se diversos projetos expostos na I EIA, a exemplo da proposta habitacional para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena. O artigo de página inteira é ilustrado com perspectiva, planta baixa e fachadas de todos os quadrantes. O texto não assinado destaca a distribuição dos ambientes em alas funcionais, os diferentes tratamentos das aberturas e o local de implantação do projeto, “nas montanhas do entorno do Rio de Janeiro” (AA, 1952, p. 74).

A matéria aponta o caráter de uso temporário da residência, sem aprofundar as premissas que nortearam a ocupação das franjas entre a cidade e a Floresta da Tijuca. Trata-se de um plano urbanístico de baixa densidade, com lotes amplos, destinado a configurar o que na atualidade se convencionou denominar zona de amortecimento, a fim de conter a pressão de expansão dos bairros vizinhos ou, com grande probabilidade, para evitar desmatamento e invasões. (Fig. 10)

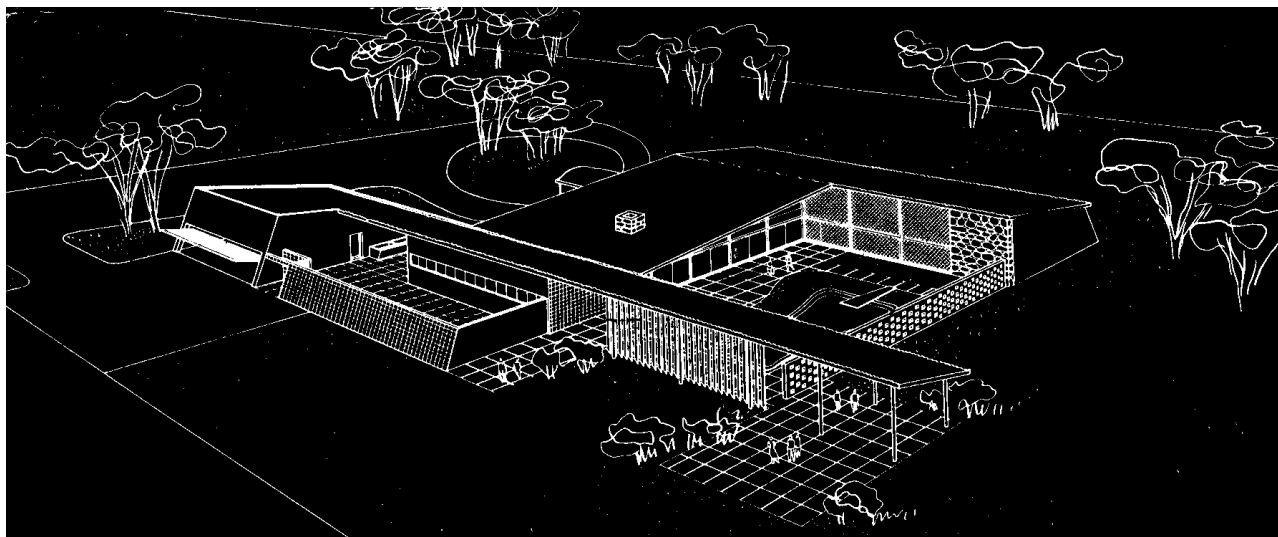


Figura 10: Perspectiva da residência para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena. Fonte: *L'Architecture d'Aujourd'hui*, v. 23, n. 42-43, ago. 1952, p. 74.

da arquiteta Guiseppina Pirro de Moreira, correspondente da revista no Brasil, e do arquiteto Gérald Hanning, antigo colaborador de Le Corbusier.

A referida publicação distribuiu os artigos em três subtemas. O primeiro, intitulado “O homem, o país e arquitetura”, trouxe textos de José Lins do Rego e Siegfried Giedion; o segundo, “Dez anos de arquitetura”, veiculou ensaios de Milton Roberto e Vini-

Não foi possível precisar a localização exata do empreendimento e tampouco confirmar sua execução. Tal fato merece considerações, pois o projeto de Lygia Fernandes, não publicado em outra revista, nacional ou estrangeira, poderia ter suscitado duas reflexões: a primeira delas

3- Para maiores informações sobre o assunto, sugere-se a consulta da dissertação de MIRANDA (1998), e das teses CAPPELLO (2005) e TINEM (defendida em 1996 e transformada em livro em 2002).

sobre a participação feminina nas Bienais. A segunda, sobre a ocupação do território nas cidades brasileiras.

A inexistência de qualquer discussão sobre questões de gênero corrobora um silenciamento ainda não satisfatoriamente revertido, considerando-se a escassez de fontes sobre o assunto. A trajetória de Lygia Fernandes, antiga colaboradora de Affonso Eduardo Reidy, segue praticamente desconhecida, apesar de ter contribuído para a difusão da arquitetura moderna no Nordeste brasileiro⁴.

A adoção de critérios para a ocupação do solo é um tema raramente problematizado nos artigos analisados, restringindo o espectro das análises a temas relacionados à forma e à técnica construtiva. Na obra de Fernandes, diretamente atrelada a um plano de expansão urbana, a análise de AA poderia ter se debruçado sobre tal questão, mencionada de passagem ao longo da matéria.

Em edições posteriores da revista francesa, foram incluídos outros projetos residenciais expostos nas Bienais, mantendo-se inalteradas as ênfases analíticas. Na edição de outubro 1953, contemporânea à abertura da II EIA, AA veiculou um artigo sobre a residência Ernesto Waller. A publicação destaca o caráter monumental da construção de 1.500 metros quadrados em um terreno de 30 hectares e descreve em pormenores o vasto programa físico-funcional, que inclui adega, biblioteca, sala de pintura, laboratório fotográfico, sala de refeições reservada para uso infantil e cozinha exclusiva para funcionários.

A matéria é ilustrada com perspectiva externa em voo de pássaro e interna da sala de estar e exhibe, em uma página inteira, as plantas baixas dos pavimentos. O texto não assinado enaltece a utilização de espécies vegetais nativas, por decisão de Roberto Burle Marx, autor do projeto paisagístico, e a participação de Cândido Portinari na elaboração de um painel curvilíneo que divide o gigantesco ambiente de estar, acomodando um bar em uma de suas faces.

Em janeiro de 1954 AA publicou um artigo sobre a residência Jadir de Souza, atribuindo-lhe equivocadamente o recebimento de um prêmio na II EIA, na verdade concedido pela exibição da residência Lota Macedo Soares, também assinada por Sergio Bernardes. O verbete enaltece o pilotis do pavimento térreo, que se abre para “o mais belo bairro do Rio” (AA, 1954, p. 6). Na matéria de página inteira, o destaque a três fotografias de Michel Aertsens contrasta com as reduzidas dimensões dos cortes e das plantas baixas, no limite da legibilidade.

Na mesma edição, AA registrou pela primeira vez a Casa das Canoas, pouco depois de ser exposta

na segunda Bienal paulistana. O artigo de duas páginas atrela as particularidades do sítio à sinuosidade da volumetria plasmada. Para fundamentar tal proposição, croquis de Oscar Niemeyer, associados a plantas baixas sobrepostas a fotografias da obra concluída, incutem a ideia de que, naquele ambiente, as soluções de projeto não poderiam ser diferentes.

Galanteios à parte, a Casa das Canoas não conquistou a admiração do júri de premiação da II EIA, que conferiu à residência Richard Hodgson, de Philip Johnson, a láurea de melhor habitação individual. Cabe sublinhar que, em paralelo, a obra de Oscar Niemeyer, por vezes considerada a própria síntese da arquitetura brasileira, já era alvo de intensos achaques, entre os quais Max Bill e de diversos expoentes do racionalismo arquitetônico⁵.

Advertência

Em junho de 1953, Max Bill visitou o Brasil a convite do Ministério das Relações Exteriores. Durante sua estada, causou polêmica ao denunciar o descompromisso de grande parte da produção arquitetônica brasileira, excessivamente dependente de um decorativismo exacerbado. De acordo com a revista *Habitat*, em artigo publicado em setembro de 1953, as críticas de Bill ganharam importância com a realização de conferências em museus e escolas de arquitetura, pronunciadas a silenciosas plateias.

O meio local imediatamente rebateu as denúncias em inflamados artigos, nos quais o conferencista, outrora respeitado, transformou-se em alvo de insultos imponderados. Pouco antes da abertura da II Bienal, Bill foi afastado do júri da seção de arquitetura, tornando-se membro da banca de artes visuais. A sugestão para a troca, feita pelo próprio arquiteto, deu-se por meio de carta prontamente aceita pela Comissão Artística do MAM/SP, a fim de encerrar o prolongamento ou o acirramento das discussões (HERBST, 2011).

Em paralelo, a crítica inglesa mantinha-se interessada na arquitetura brasileira, reconhecendo a validade de suas contribuições no campo das técnicas construtivas e no tratamento das preexistências. Tal postura caracteriza o número especial sobre o Brasil lançado por *The Architectural Review* em março de 1954. Nele se encontram reproduzidos os três projetos de Sergio Bernardes expostos na II EIA.

O artigo de duas páginas sobre a residência Jadir de Souza destaca a configuração de um pátio semienclausurado no piso térreo e descreve as soluções construtivas da cobertura, “uma laje de concreto recoberta com folhas de amianto ondulado suspensas,

4- Sobre o assunto, sugere-se a leitura de SILVA (1991) e ESPINOZA e VASCONCELOS (2020)

5- No início de 1954, Walter Gropius integrou o júri de premiação da segunda Bienal. Na ocasião, recebeu um prêmio especial pelo conjunto de sua obra e também visitou algumas realizações referenciais à produção local, a exemplo da Casa das Canoas. Ao ser questionado sobre o projeto, na presença de Niemeyer, limitou-se a dizer que, apesar de bela, não era multiplicável. (HERBST, 2016).

deixando um colchão de ar para melhor isolamento térmico” (AR, 1954, p. 167). O texto não assinado salienta a plasticidade da cobertura, “cuja curvatura foi determinada, em parte, pelo formato das montanhas que formam um background para a casa”, construída em um “subúrbio semi-rural” (AR, 1954, p. 167) – no caso o condomínio Jardim Pernambuco, no Leblon, criado para abrigar residências deste padrão e porte.

Em contrapartida, a edição de outubro de AR colocou em debate os rumos da arquitetura brasileira, valendo-se da opinião de cinco profissionais que estiveram presentes no país por ocasião da II EIA. Além de Max Bill e Walter Gropius, o especial “Report on Brazil” veiculou ensaios críticos assinados por Ernesto Nathan Rogers, Hiroshi Ohye e Peter Craymer.

O texto de Peter Craymer, apresentado como um “jovem arquiteto britânico que trabalhou no Brasil” (AR, 1954, p. 235), enfatiza o caráter informal das nossas relações de trabalho, quase sempre exercidas em escritórios de pequeno porte. Craymer também aponta as dificuldades decorrentes da inexistência de componentes industrializados, tornando a concepção projetual mais lenta, semelhante ao desenvolvimento das atividades de um ateliê de pintura ou escultura. Por outro lado, reconhece nesta falta de padrões standardizados um potencial maior para a prática criativa, em comparação com os procedimentos europeus rotineiros.

O japonês Hiroshi Ohye, arquiteto e professor, endossa as considerações do britânico ao sintetizar a qualidade plástica da arquitetura brasileira, “indubitavelmente exuberante” (OHYE, 1954, p. 237). Em contrapartida, adverte que essa produção parece ter sido feita para causar deslumbre nas reproduções fotográficas, mascarando a falta de racionalidade construtiva e problemas decorrentes da falta de capacitação da mão de obra, especialmente no Rio de Janeiro.

O texto de Max Bill volta a denunciar o tom socialmente descompromissado da arquitetura brasileira, excessivamente dependente de um decorativismo e de um individualismo exacerbados. Nesses termos, numa clara alusão ao legado de Oscar Niemeyer,

considera inaceitável a disseminação de tamanha arbitrariedade em um país representado nos CIAM, capaz de organizar congressos de arquitetura moderna e até mesmo uma bienal de arquitetura.

Em tom conciliador, Gropius emite uma visão protocolar e ponderada sobre a arquitetura brasileira: seu ensaio assinala a adesão maciça do mercado imobiliário a um repertório formal renovado, sem que, por trás das aparências, estivessem assegurados os princípios norteadores do racionalismo. O artigo tece algumas considerações sobre Oscar Niemeyer, sem mencionar o contato estabelecido entre ambos durante sua estada no Brasil. De modo bastante evasivo, expressa algum interesse por suas obras, apesar de assinalar desatenção aos detalhes construtivos e falta de qualidade na execução dos projetos.

Ernesto Nathan Rogers integra a discussão com um extrato de um editorial publicado na edição de fevereiro-março de *Casabella-Continuità*. Em princípio, corrobora a visão entusiasmada de Giedion e o descrédito de Bill em relação à arquitetura brasileira. Sem mencioná-los nominalmente, discorda de Giedion ao identificar a degeneração caprichosa desta produção, e de Bill por nele reconhecer uma incapacidade de “apreciar o significado de uma arte tão diferente da sua” (ROGERS, 1954, p. 240). Rogers adverte ser necessário evitar o equívoco de usar as preferências pessoais para avaliar o trabalho alheio.

Claude Vincent, correspondente de AR no Rio de Janeiro, assina os artigos inscritos no especial “Report on Brazil”. A seleção inclui dois projetos expostos na II EIA. Um deles é a residência Ernesto Waller, pouco conhecida pelo meio profissional, especialmente no exterior. A matéria de uma página reproduz as mesmas imagens publicadas por AA em outubro de 1953. Em linhas gerais, o texto segue a mesma orientação feita pelo periódico francês, mas diferencia-se deste ao não enfatizar o exotismo da paisagem⁶. (Fig. 11)

6- Claude Vincent, pseudônimo de Agnes Claudius, transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1946, onde escreveu matérias de arquitetura e paisagismo para *The Architectural Review*, resenhas de teatro para o jornal carioca *Tribuna da Imprensa* e colaborações esparsas para outros periódicos (DOURADO, 2017).



Figura 11: Perspectiva da Residência Ernesto Waller. Fonte: *The Architectural Review*, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 250.

A Casa das Canoas fecha o especial da revista inglesa. O artigo de três páginas ressalta fotografias que, novamente, dispensam especial atenção ao entorno. Mas a análise da jornalista inglesa diverge das leituras anteriormente lançadas por AA, na medida em que o resultado formal da proposta é visto como um “brusco confronto com os elementos constitutivos do sítio” (VINCENT, 1954, p. 214). Mas isso não representa nenhum demérito: em sua avaliação, o projeto comprova o virtuosismo de Oscar Niemeyer, sendo sua residência paradoxalmente apresentada como “a mais brasileira das casas” (VINCENT, 1954, p.214).

Possibilidades

No rastro das reflexões motivadas pelos depoimentos de Max Bill, iniciados em 1953, a revista *Casabella-Continuità* publicou uma série de artigos com o intuito de fundamentar uma posição divergente ao confronto entre defensores e detratores do primeiro racionalismo. Assim podem ser equacionadas algumas contribuições de Ernesto Nathan Rogers e Giancarlo de Carlo⁷.

O acréscimo do termo *Continuità* ao título da revista reforça os esforços de Rogers para fundamentar uma atitude crítica de inspiração socrática, colocando em dúvida as manifestações de admiração e escárnio endereçadas aos defensores da chamada “forma livre”. Até mesmo a definição do termo “formalismo” não passa incólume aos editores, sendo objeto de reflexão de artigo assinado por Giancarlo de Carlo na edição “inaugural” de CC, lançada no fim de 1953⁸.

Na edição subsequente, veiculada logo depois do desfecho da II EIA, Rogers publicou o artigo “Pretesti per una critica non formalistica”. O emprego do termo no título do editorial, per se, adverte para a imprecisão das análises supostamente pautadas pela objetividade. Ao colocar em suspensão os juízos críticos então vigentes, Rogers defende a proposição de uma crítica “não formalista”, assumindo, “a defesa da arquitetura vinculada ao lugar, que corresponde à preocupação dos italianos e à posição da *Casabella* nesse momento” (TINEM, 2006). (Fig. 12)

Valendo-se de tais premissas, Rogers vislumbra na Casa das Canoas uma profunda compreensão das preexistências e dos sentidos do morar, apropriando-se dos seus diferentes elementos para ressaltar as suas potencialidades. O resultado é perceptível na distribuição dos setores do programa físico-funcional, na integração entre os espaços internos e externos e se apresenta mais imediatamente no desenho da cobertura e no contorno da piscina que abraça o bloco rochoso, refletindo o verde da mata e as múltiplas cores do céu.

Talvez seja possível inferir, com base no exposto, o estabelecimento de paralelos com o entendimento de lugar proposto por Heidegger em *Construir, habitar, pensar* (1951), visto que a conceituação proposta pelo filósofo não destitui a validade das ações humanas sobre a natureza, desde que resguardada a valorização da sua essência. Assim, a análise de Rogers assume uma dimensão existencial e decididamente subjetiva, que coloca em xeque a objetividade dos argumentos de Bill e Gropius, ao sentenciar:

Não me esquecerei facilmente daqueles momentos: o sol no limite de pôr-se nos havia deixado imersos em uma atmosfera densa, colorida de laranja e violeta, de verde escuro, de índigo misterioso. A casa repetia entorno a nós os motivos daquela paisagem dionisíaca (incensos e grilos) insinuando-se com o jogo do grande arpejo que, da marquise do teto, ecoa por todas as paredes, nos nichos dos diafragmas, nas piscinas onde a água ao invés de encontrar a construção dos obstáculos se expande liquidamente nas formas da rocha. Toda a parte principal da casa é extrovertida e não apenas porque o espaço da sala continua sem interrupções nem barreiras privadas no espaço externo, mas porque esta tende a uma identificação, a uma romântica confusão com a natureza. (ROGERS *apud* SANCHES, 2012, p. 97).



Figura 12: Casa das Canoas na capa de *Casabella-Continuità*
Fonte: *Casabella-Continuità*, n. 200, fev. 1954

Considerações adicionais

Ainda que se possa dissertar sobre a recepção dos projetos pela crítica estrangeira observando-se suas correlações com os temas de debate dos anos 1950, cabe aqui enunciar algumas considerações

7- O aprofundamento desta questão pode ser visto em SANCHES (2012).

8- A nova denominação da revista expressa “a questão da continuidade da história, o problema da reconstrução e do confronto com a tradição como material de trabalho cotidiano do arquiteto” (CAPPELLO, 2005, p. 134).

adicionais, que de nenhum modo podem ser vistas como um desfecho para as questões analisadas. Há ainda muito o que se ponderar sobre a contribuição deste conjunto de projetos para a construção das primeiras narrativas sobre a arquitetura moderna brasileira. E sobre o seu legado na atualidade.

Especialmente se levarmos em conta as possibilidades de discussão que poderiam ser suscitadas pela inclusão dos projetos das residências Walther Moreira Salles e William Nordschild em alguma publicação estrangeira no recorte selecionado. Parece-nos plausível acreditar que tais ausências contribuíram para consagrar uma versão historiográfica que subestimou a participação de Gregori Warchavchik nos processos de afirmação da arquitetura moderna brasileira, ao mesmo tempo que sombreou as interlocuções estabelecidas com algumas matrizes propositivas, a exemplo do racionalismo italiano.

A análise dos artigos em tópicos isolados procurou evidenciar os parâmetros referenciais com base nos quais as linhas editoriais encontraram argumentos para validar os seus questionamentos. Tal procedimento operativo, eficiente para destacar as *representações* plasmadas pelos periódicos, é também um artifício arriscado, uma vez que minimizou as conexões entre temas correlatos: *celebração*, *advertência* e *possibilidades* mesclam-se inexoravelmente.

Cabe portanto retomar algumas questões para não deixar aparas.

O caráter celebrativo de alguns discursos de nenhum modo excluiu advertências negativas. Giedion (1952), talvez um dos defensores mais incondicionais de nossa arquitetura, mostrou-se preocupado com a falta de critérios para a ocupação e expansão das cidades, em parte motivada pela especulação imobiliária, em parte favorecida pelos entraves financeiros e burocráticos. Ambos os fatores justificam, no seu entender, a excepcional importância do Conjunto Residencial do Pedregulho, bem como ajudam a compreender a lentidão para a sua execução.

As constatações acima mencionadas não compareceram nas demais análises lançadas na edição especial de AA: apenas uma pequena parcela de artigos estabeleceu algum diálogo com a questão urbana. Uma seleção ainda menor analisou a contribuição feminina para a afirmação da arquitetura moderna brasileira. Ao reunir os dois quesitos, a residência para o Plano de Urbanização da Tijuca e da Gávea Pequena, exposta na I EIA, constituiu uma realização ímpar, não adequadamente problematizada. Mas, naquela altura, não havia nenhum interesse sobre esses assuntos.

Em contrapartida, a inserção de Max Bill na historiografia é bastante conhecida. Mas para além da polêmica, Bill (1954) expressou esperança no

poder de “criação de uma arquitetura verdadeiramente moderna, coerente com as esplêndidas condições naturais do país” (BILL, 1954, p. 239). Gropius (1954) ecoou algumas das críticas postuladas pelo suíço e, ao mesmo tempo, mostrou-se confiante ao ressaltar as conquistas dos arquitetos brasileiros, que, malgrado todas as adversidades, conseguiram desenvolver uma “atitude arquitetônica moderna por conta própria” (GROPIUS, 1954, p. 237).

Gropius (1954) vislumbrou, em Niemeyer, tal capacidade. Ao tecer considerações sobre o arquiteto, explicou seu descontentamento com a negligência nos detalhes e com falta de qualidade construtiva. Mas nem por isso desmereceu o frescor de suas concepções. A introdução do artigo, assinada pela esposa do crítico, reverberou a singularidade de uma produção que não pode ser medida com uma régua suíça – assim se inscreve sua análise sobre a Casa das Canoas.

Não por acaso a obra é apontada na mesma publicação como a “mais brasileira das casas” (VINCENT, 1954, p. 214). O argumento da jornalista inglesa parece carecer de validade, por se tratar de uma proposição singular, contraposta aos padrões vigentes. Mas, de todo modo, contribuiu para garantir um lugar de destaque, quase sempre acompanhado de honrarias, na historiografia canônica.

Cabe a nós, pesquisadores, desconstruir as narrativas consagradas para revelar outras possibilidades de entendimento sobre a nossa moderna arquitetura.

Referências

- BILL, Max. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 238-239.
- CABAL house. *The Architectural Review*, Londres, v. 115, n. 687, mar. 1954, p. 166-167.
- CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo. *Arquitetura em Revista: Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. São Paulo: FAU/USP, 2005 [tese de doutorado]
- _____. *Síntese das Artes: Arquitetura Moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)*. In: I ENANPARQ, 2010, Rio de Janeiro. Anais do I ENANPARQ. Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: Percursos e Perspectivas. Rio de Janeiro: PROURB, 2010.
- COMAS, Carlos Eduardo. A Feira Mundial de Nova York de 1939: o pavilhão brasileiro. *Arqtexto*, Porto Alegre, n.16, 2010.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CRAYMER, Peter. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, n. 694, out. 1954, p. 236-237.

DOURADO, Guilherme Mazza. Dois dedos de prosa. A correspondência de Roberto Burle Marx. *Arqui-textos*, São Paulo, ano 18, n. 208.00, Vitruvius, set. 2017.

ESPINOZA, José Carlos Huapaya; VASCONCELOS, Clara Demettino Castro. Lygia Fernandes: uma arquiteta modernista. In: ESPINOZA, José Carlos Huapaya (Org.). *Revisões e ampliações da arquitetura e do urbanismo modernos no Brasil*. Salvador: PP-GAU: EDUFBA, 2020, p. 185-202.

FERRAZ, Geraldo. Individualidades na história da atual arquitetura no Brasil. I – Gregori Warchavchik. *Habitat*, São Paulo, n. 28, mar. 1956, p. 40-48.

FRAGELLI, Marcello. *Marcello Fragelli*: quarenta anos de prancheta. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

GIEDION, Siegfried. Le Brésil et l'architecture contemporaine. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 23, n. 42-43, Aug. 1952, p. 3.

GOODWIN, Philip. *Brazil Builds: Architecture New and Old 1652 – 1942*. New York: MoMA, 1943.

GROPIUS, Walter. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, n. 694, out. 1954, p. 236-237.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: *Ensaio e conferências*. 8 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. [1954]

HERBST, Helio. *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais*: contribuições para a historiografia (1951-1959). São Paulo: Annablume: FAPESP, 2011.

_____. Conhecimento, análise e crítica de arquitetura: aportes de Gaston Bachelard e Martin Heidegger. *Revista Projetar* (Natal. Online), n. 3, dez. 2016, p. 61-75.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como crítica à tradição literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LARA, Fernando Luiz. *Excepcionalidade do modernismo brasileiro*. São Paulo: Romano Guerra; Austin: Nhamérica, 2018.

MAISON aux environs de Rio de Janeiro. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 25, n. 52, jan./fev. 1954, p. 2-3.

MAISON de week-end a Tijuca. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 23, n. 42-43, ago. 1952, p. 74.

MINDLIN, Henrique Ephim. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

MIRANDA, Clara Luiza. *A crítica nas revistas de arquitetura nos anos 50*: A livre expressão e a síntese das artes. São Carlos: EESC/USP, 1998. [dissertação de mestrado]

MOREIRA, Machado Jorge. *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

OHYE, Hiroshi. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 236-237.

RESIDENCE a Rio. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 25, n. 52, jan./fev. 1954, p. 6.

RESIDENCE aux environs de Rio de Janeiro. *L'Architecture d'Aujourd'Hui*, Paris, v. 24, n. 49, jan. 1953, p. 62-63.

RESIDÊNCIA do arquiteto. *Acrópole*, São Paulo, n. 196, jan. 1955, p. 173-175.

RESIDÊNCIA do arquiteto. *Brasil Arquitetura Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 4, 1954, p. 24-27.

RESIDÊNCIA do casal Jeronimo Leal. *Arquitetura e Engenharia*, Belo Horizonte, n. 19, out./dez. 1951, p. 56-57.

RESIDÊNCIA do Dr. Jadir Gomes de Souza. *Brasil Arquitetura Contemporânea*, Rio de Janeiro, n. 4, 1954, p. 18-20.

RESIDÊNCIA Dr. Jadir Gomes de Souza. *Arquitetura e Engenharia*, Belo Horizonte, n. 29, jan./fev. 1954, p. 28-31.

RESIDÊNCIA em Canoas, Rio de Janeiro. *Módulo*, Rio de Janeiro, n. 2, ago. 1955, p. 40-42.

RESIDÊNCIA em São Conrado, RJ. *Acrópole*, São Paulo, n. 236, jun. 1958, p. 400-401.

RESIDÊNCIA no Rio de Janeiro. *AD Arquitetura e Decoração*, São Paulo, n. 8, nov./dez. 1954, 2 pág. s/n.

RESIDÊNCIA na Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro. *Habitat*, São Paulo, n. 20, jan./fev. 1955, p. 26-28.

ROBERTO Burle Marx. Sala Especial. *Habitat*, São Paulo, n. 56, set./out. 1959, p. 18-20.

ROGERS, Ernesto Nathan. Pretesti per una critica non formalistica. *Casabella-Continuità*, Milão, n. 200, fev./mar. 1954, p. 1-3.

_____. Sem título. *The Architectural Review*, especial Report on Brazil, Londres, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 236-237.

SANCHES, Aline Coelho. Ernesto Nathan Rogers e a polêmica da arquitetura brasileira. *Risco*, São Carlos, n. 16, 2012, p. 88-108.

SILVA, Maria Angélica da. *Arquitetura moderna: a atitude alagoana*. Maceió, Sergasa, 1991.

SILVA, Rafael Freitas da. *O Rio antes do Rio*. Rio de Janeiro: Babilônia, 2017.

THIRTEEN-ROOM house. *The Architectural Forum*, Boston, n. 87, nov. 1947, p. 95.

TINEM, Nelci. *O alvo do olhar estrangeiro: o Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Manufatura, 2002.

_____. Arquitetura Moderna Brasileira: a imagem como texto. *Arquitextos*, São Paulo, v. 072, n. 02, 2006.

_____. As revistas de arquitetura como documentos pré-canônicos – páginas da arquitetura moderna brasileira em revistas especializadas. In: I ENANPARQ, 2010, Rio de Janeiro. Anais do I

ENANPARQ. *Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: Percursos e Perspectivas*. Rio de Janeiro: PROURB, 2010.

UMA CASA no Rio de Janeiro: arquiteto Olavo Redig de Campos. *Habitat*, São Paulo, n. 6, 1952, p. 56-63.

VINCENT, Claude. Oscar Niemeyer's own house in Rio de Janeiro. *The Architectural Review*, Londres, v. 116, n. 694, out. 1954, p. 214; 249-250.

WOODARD SMITH, Chloethiel. The United States of Brazil. *The Architectural Forum*, Boston, n. 11, nov. 1947, p. 65-68.

ZEIN, Ruth Verde. *Leituras críticas*. São Paulo: Romano Guerra; Austin: Nhamérica, 2018.

ZEIN, Ruth Verde. O vazio significativo do cânon. *Vírus*, São Carlos, n. 20, jul. 2020. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=en>> Acesso em 01 jul. 2021.